

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)

ISSN: 2177-2886

Artigo

“Adoro um Pau Preto”, assim ele disse: Quando um Elogio Reacende a Ferida Colonial e Outras Geografias Homoeróticas

*“A mí me Gusta la Polla Negra”, esto dijo: Cuando un
Elogio Reaviva a la Herida Colonial y Otras Geografias
Homoeróticas*

*“I Love a Black Dick”, he said:
When a Compliment Reminds the Colonial Hurt and
Other Homoerotic Geographies*

Victor Dantas Siqueira Pequeno
Universidade Federal de Santa Maria - Brasil
victorpequenogeo@gmail.com

Como citar este artigo:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. “Adoro um Pau Preto”, assim ele disse: Quando um Elogio Reacende a Ferida Colonial e Outras Geografias Homoeróticas. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 194 - 222, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

“Adoro um Pau Preto”, assim ele disse: Quando um Elogio Reacende a Ferida Colonial e Outras Geografias Homoeróticas

“A mí me Gusta la Polla Negra”, esto dijo: Cuando un Elogio Reaviva a la Herida Colonial y Otras Geografías Homoeróticas

*“I Love a Black Dick”, he said:
When a Compliment Reminds the Colonial Hurt and Other Homoerotic Geographies*

Resumo

Neste artigo, escrevi sobre Geografia. Mas não somente. Escrevi sobre feminismo. Mas não somente. Escrevi sobre literatura. Mas não somente. Escrevi sobre espaços. Mas não somente. Escrevi sobre lugares. Mas não somente. Escrevi sobre corpos. Mas não somente. Escrevi sobre gêneros. Mas não somente. Escrevi sobre sexualidades. Mas não somente. Escrevi sobre relações de poder. Mas não somente. Escrevi sobre "pau" e "cú". Mas não somente. Escrevi sobre sexo. Mas não somente. Escrevi sobre *bixas* e *gays*. Mas não somente. Escrevi sobre mim. E sobre ti também. Mas não o suficiente.

Palavras-Chave: Geografias feministas; Geografia das sexualidades; Corpo; Espaço; Raça.

Resumen

En este artículo, escribí sobre Geografía. Pero no solo. Escribí sobre feminismo. Pero no solo. Escribí sobre literatura. Pero no solo. Escribí sobre espacios. Pero no solo. Escribí sobre lugares. Pero no solo. Escribí sobre cuerpos. Pero no solo. Escribí sobre géneros. Pero no solo. Escribí sobre sexualidades. Pero no solo. Escribí sobre las relaciones de poder. Pero no solo. Escribí sobre "pollas" y "culos". Pero no solo. Escribí sobre sexo. Pero no solo. Escribí sobre maricones y gays. Pero no solo. Escribí sobre mí. Y sobre ti también. Pero no suficiente.

Palabras-Clave: Geografías feministas; Geografía de las sexualidades; Cuerpo; Espacio; Carrera.

Abstract

In this article, I wrote about Geography, but not only. I wrote about feminism, but not only. I wrote about literature, but not only. I wrote about spaces, but not only. I wrote about places, but not only. I wrote about bodies, but not only. I wrote about genres, but not only. I wrote about sexualities, but not only. I wrote about power relations, but not only. I wrote about dick and ass, but not only. I wrote about sex, but not only. I wrote about fags and gays, but not only. I wrote about myself and about you too, but not enough.

Keywords: Feminist Geographies; Geographies of Sexualities; Body; Space; Race.

Victor Dantas Siqueira Pequeno



Introdução

*You punished me for telling you my fantasies
I'm breaking all the rules I didn't make
(Madonna)*

Numa manhã de junho de 2023.

Capítulo Vinte e Três

Quando eu sair daqui, se algum dia conseguir registrar isso, de qualquer modo, mesmo sob a forma de uma voz para outra, será uma reconstrução, em um grau ainda mais distante. É impossível dizer alguma coisa exatamente da maneira como foi, porque o que você diz nunca pode ser exato, você sempre tem de deixar alguma coisa de fora, existem partes, lados, correntes contrárias e nuances demais; que nunca podem ser plenamente descritas, sabores demais, no ar ou na língua, semi tonalidades, quase cores, demais [...] (Atwood, 2017, p. 163)..

Este excerto está presente na obra "O Conto da Aia" da escritora branca canadense branca Margaret Atwood. Ao ler tal parágrafo, vim tomado vontade e desejo de escrever. Desejei uma escrita que unisse o literário, o ficcional com o geográfico, o real. Uma escrita para percorrer tempos inventados e especulados, como é o caso do tempo da literatura distópica, bem como o tempo experienciado, (i)materialmente construído e sentido (o que, de certa forma, não deixa de ser uma invenção) por nós, corpos racializados, generificados, sexualizados, desejantes e desejados/as a partir de teorias e conceitos que se querem feministas e decoloniais.

[...] a leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se, para o geógrafo humanístico objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada (Olanda; Almeida, 2008, p. 8).

Interpretar não foi o suficiente. Foi preciso registrar. Escrever. Imaginar uma escrita, pois.

É sabido que as ciências modernas herdaram do positivismo e do racionalismo uma escrita científica “tradicional”, “padrão” assumidamente objetivista e pretensamente imparcial. Higienizada de qualquer subjetivismo, sentimentalismo, a escrita científica, historicamente, isolou-se das artes e, quando não, reduziu-as a objeto, retirando seu caráter de habilidade, prática, devir. Para tanto, criamos classificações profissionais. Existe o/a cientista. E existe o/a artista. Existe a escrita científica. E existe a escrita literária/poética. Tais fronteiras de saberes/fazer, seguida à risca, apresenta-se como sintoma de mal-estar para aqueles/as (e eu me incluo nesse grupo) que assumem a

postura científico-artístico-poética, em termos inventivos, criativos, imaginativos. Na busca pelo escrever cientificamente correto: “A escrita se torna quase mecânica: ‘se o parágrafo está muito longo: quebre-o’, ‘a palavra se repete: substitua-a por um sinônimo’, etc., as orientações do escrever bem tradicional se tornam quase irrefletidas” (Abreu, 2023, p. 48). Resultado: um texto amputado de suas partes mais autênticas. Pela pressa/pressão produtivista, o/a próprio/a pesquisador/a se automutila ao interromper o amadurecimento diário de sua arte-escrita:

[...] A brevidade ou lentidão de um texto estão, muitas vezes, relacionadas com a brevidade ou lentidão com a qual ele foi feito de modo inversamente proporcional; quando se diz pouco com muito provavelmente se escreveu com pressa (Abreu, 2023, p. 53).

O texto que tens em vista (ou em escuta, toque) é resultado de uma rotina de escrita lenta. Iniciada em meados de junho; interrompida por atividades outras, por preguiça, por falta de ânimo e desejo; retomada por afetações após leituras realizadas, conversações com colegas e professores/as, enfim, mediada pela vida.

Trata-se, pois, de uma escrita corporificada, engajada em relatar sobre experiências, afetos, situações, estranhamentos. É sobre isso que a protagonista do livro mencionado expressa no parágrafo destacado. Suas experiências são registradas e nisso é revelado o desejo da protagonista em criar memórias. Em escrever sua história. Um reconhecimento de si de forma subjetiva que demanda uma linguagem (escrita) e deseja a emancipação (subjetiva e política). Um reconhecimento de si em razão do outro que lhe nega (em termos Hegelianos) e que a torna uma escrava, um objeto.

Isso posto, insiro-me neste texto a partir de memórias e experiências íntimas (não tão íntimas agora, que em seu domínio), em constante reelaboração. Escrevo-as, descrevo-as e deixo-as abertas para suas (você ou mesmo eu daqui alguns meses, anos) interpretações.

[...] Há também algo de não traduzível, de não enunciável no processo da escrita, algo que se apresenta como possibilidade de palavras outras, várias, de múltiplos sentidos a seguirem caminhos inesperados via leitor que necessariamente (re)cria e atualiza o lido - expect-ator, portanto. Escrita como abertura, leitura como (re)criação, processos a tecerem imprevistos, encontros de autor e leitor na reinvenção do próprio texto que se apresenta como mote para texturas várias (Zanella, 2013, p. 114).

Assim como a protagonista Offred de "O Conto da Aia", decidi elaborar algumas reconstruções. Num desejo de compreender e significar algumas experiências e situações que se deram num espaço (Rio Grande do Sul) e tempo (abril e maio de 2023) específicos, e que implicou o meu amadurecimento pessoal-intelectual. Reconstruções acerca de experiências afetivo-sexuais que ocorreram em Santa Maria/RS, cidade média localizada na região Centro Ocidental Rio-Grandense, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) e que dispõe de 271 mil habitantes.

Enveredo-me pelas epistemologias feministas e pelas Geografias das sexualidades para tentar responder à pergunta-guia: De que forma a minha corporeidade negra, nordestina e *bixa* é significada e desejada por outros homens com os quais me relaciono afetivo-sexualmente?

Ao final, descrevo para o/a leitor/a algumas situações como autonarrativas (Gergen, 2007) e considero estas como potencializadoras da ética *queer* do “falar sobre si” (Butler, 2015). Autonarrativas que são tempo-espacialmente situadas (Haraway, 1995), afetivamente politizadas (hooks, 2020) e comprometidas com um saber/fazer geográfico subversivo (Silva, 2009).

Das Geografias existentes em literaturas

A experiência com a obra "O Conto da Aia", descrita anteriormente, revela a potência da criação literária em irromper em reflexões que ultrapassam o simples prazer da leitura. Experiências assim que nos afetam corporalmente (sensações, arrepios), bem como psiquicamente, ao possibilitar o acesso a memórias de situações e/ou pessoas. O sinestésico em tais experiências efetiva a união, ou melhor, a coexistência do ficcional e real, do presente e passado e do inventado e vivido.

Nesse sentido, poderíamos dizer que toda literatura dispõe de alguma geografia, e toda geografia pode implicar numa criação literária. Não obstante, importante considerar os desafios e riscos para com uma análise reducionista entre elementos geográficos e elementos literários, conforme Igor Silva e Tulio Barbosa (2014) nos advertiram:

Os desafios da interdisciplinaridade Geografia e Literatura residem principalmente na relação realidade-ficção, uma vez que a narrativa literária não precisa ser fiel aos aspectos reais do cotidiano, enquanto a Geografia busca a compreensão da realidade. Essa relação merece o máximo de atenção, pois ao negligenciar limites da linguagem geográfica e da linguagem literária o trabalho interdisciplinar poderá não alcançar os objetivos centrais [...] (Silva; Barbosa, 2014, p. 83-84).

A relação entre literatura e geografias (com “s” no final, pois me refiro aos saberes geográficos construídos no cotidiano de sujeitos e/ou grupos, e que não dependem da validação científica) sempre esteve presente em qualquer processo de escrita. O/A escritor/a, ao criar um enredo, situa este num espaço-tempo. Teríamos, pois, um espaço literário e/ou espacialidades literárias. Cabe dizer que este espaço-tempo pode ou não corresponder com o espaço-tempo em que o/a escritor/a e/ou narrador/a participa. Nesses termos:

[...] O espaço é, assim, relacional, pois implica o social e o histórico; é relacional porque implica a história da literatura e ainda por vincular-se à referência, explícita ou não, a textos literários, nos processos de intertextualidade (Bento, 2012, p. 11).

Adicionalmente, no que tange às correspondências entre espaço literário e espaço geográfico, Igor Silva e Tulio Barbosa (2014) verificaram que:

[...] Entender a relação espacial literária e geográfica é delimitar retas transversais e paralelas, ou seja, a espacialidade manifesta-se pela elaboração do cruzamento das ações ficcionais com a materialidade-imaterialidade geográfica, isto é, a transversalidade do real e do ficcional produz correspondências verificáveis em ambas, isto não significa que a obra literária necessite ser realista, a transversalidade também não significa empirismo, trata-se de coincidências ou construções propositais que revelem simultaneamente o espaço geográfico e literário como desdobramentos ou mesmo até recolhimentos estruturais [...] (Silva; Barbosa, 2014, p. 85).

O conteúdo espacial inscrito nas literaturas se tornou motivo de atenção e objeto de estudo não somente de críticos literários, mas de geógrafos/as. Dessas curiosidades e/ou possibilidades de pesquisas, a partir dos anos 1970, despontou na ciência geográfica um campo de análise chamado, por alguns pesquisadores/as, de Geografia literária:

Na constituição da geografia literária, tanto estudiosos da geografia como da literatura pensam nas possíveis relações entre o espaço e a palavra escrita. De um lado, o olhar geográfico no entendimento dos textos literários, do outro, a compreensão literária do problema do espaço. Ambos empenhados na apreensão do mundo. O que temos são as diferentes formas de como a literatura amplia a nossa compreensão do espaço geográfico ou mesmo os modos como a geografia adensa os mapas das tramas literárias (Cavalcante, 2020, p. 193).

Quanto às possibilidades temáticas em se trabalhar interdisciplinarmente a Geografia e a Literatura, é reconhecido que:

[...] a geografia literária é um conceito que compreende uma pluralidade de relações entre geografia e literatura naquilo que essas podem revelar das "espacialidades" e das "geograficidades" presentes na obra literária. Como espacialidades, podemos entender a maneira como é organizado o espaço, no caso, o espaço literário, em sua lógica e processo de formação, considerando fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias. Já as geograficidades, revelam os laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações e imaginários, sentidos, identidades e afetividades [...] (Cavalcante, 2020, p. 194, grifos do autor).

Apresentando Offred a Giovanni

Outra obra que repercutiu em minha subjetividade foi "O quarto de Giovanni", de James Baldwin, escritor negro, estadunidense e homossexual, que foi publicada originalmente em 1956. Nesta, é apresentado um enredo que gira em torno da experiência de David, um homem estadunidense que, ao reconhecer o seu desejo sexual por outros homens, enfrenta uma série de conflitos consigo mesmo e com sua família, em especial, seu pai, com quem a

personagem vive uma espécie de relação “edipiana”, além da negação do luto para com a ausência de sua mãe. O enredo se desenrola quando da sua decisão em mudar para Paris. Ao refletir sobre isso, a personagem nos comunica que:

Capítulo um

O que aconteceu é que, inteiramente inconsciente do que significava todo aquele tédio, cansei-me do movimento, cansei-me dos mares de álcool onde não encontrava alegria, cansei-me das amizades abruptas, rudes, sinceras e inteiramente sem sentido, cansei-me de percorrer as florestas de mulheres sem esperança, cansei-me do trabalho que bastava apenas para me sustentar, no sentido mais brutalmente literal. Talvez, como dizemos na América, eu quisesse encontrar a mim mesmo. Trata-se de frase bastante interessante e até onde sei não tem circulação corrente na linguagem de qualquer outro povo, e que certamente não significa o que diz, mas revela a incômoda desconfiança de que alguma coisa está fora de lugar. Acredito agora que se tivesse qualquer ideia de que o ‘eu’ que ia encontrar se revelaria o mesmo ‘eu’ do qual passara tanto tempo fugindo, teria ficado em meu país. Mas acredito também que sabia, no fundo do coração, exatamente o que estava fazendo quando embarquei para a França (Baldwin, 2018, p. 68-69).

A releitura de tal parágrafo me fez perceber algumas semelhanças que comparecem em ambas literaturas: a busca pela liberdade e a liberdade imaginada. A liberdade de Offred em "O Conto de Aia" é representada pelo desejo de emancipação e domínio pelo seu próprio corpo-espaco. A liberdade em "O Quarto de Giovanni" é representada pela fuga de David para Paris e a expectativa de que somente num outro lugar ele poderá viver sua sexualidade livremente. Offred especula sobre como será quando sair daquele sistema social de opressão para com as mulheres. Não há um lugar específico, apenas um tempo desejado: o futuro. Por sua vez, Giovanni especula sobre sua liberdade sexual condicionada a uma espacialidade específica. Há, pois, um tempo e um lugar: um futuro em Paris.

Em ambas as histórias, o ir embora, o escapar, coloca em evidência circunstâncias vivenciadas por grupos subalternizados e estigmatizados devidos às suas expressões de gênero e sexualidades. Tais processos de violência e/ou opressão são efeitos e condicionantes de um espaço-tempo específicos. Ambas as personagens consideram a libertação e/ou a fuga a partir de um imaginar/desejar um espaço-tempo outro. (Um paradoxo?). Reside aí a principal problemática que interdita, constrange e apaga a existência de qualquer pessoa dissidente das normativas de gênero, raça, corpo e sexualidade: o espaço-tempo enquanto prisão e/ou liberdade. De fato, um paradoxo.

Para além disso, o que se verifica é que tais fugas são agenciadas por vidas precárias (Butler, 2006), que são expulsas para *fora*, para a *margem*, afinal, é esse o seu, o meu, o nosso *lugar*. Mas essa margem habitada por tais corpos é a condição para existência do centro, ocupado por aqueles e aquelas que dispõem do de sujeito e de humanidade.

Diante disso, a geógrafa inglesa e branca Gillian Rose (1993) propôs uma

chave conceitual indispensável para discussão de tais dinâmicas corpo-espaciais, qual seja, o espaço paradoxal, conceito que chegou até nós, "aqui" na periferia do mundo capitalista, pelos escritos da geógrafa brasileira e branca Joseli Silva (2003; 2008) e seus pares.

Novamente, digo-lhes que tanto a Offred de "O Conto da Aia" quanto o David de "O Quarto de Giovanni" afetaram minha subjetividade. Trouxeram-me à mente situações como: o reconhecimento da minha homossexualidade aos 14 anos; da minha mudança (fuga) do estado em que nasci para outro estado numa outra região; e, mais recentemente, a interação entre minha corporeidade negra, nordestina e *bixa* com homens *gays* sulistas e brancos.

A saber, mobilizo aqui o termo *bixa* como diferente do *gay*. Inscrevo, no primeiro, experiências de homens efeminados, periféricos e majoritariamente negros, enquanto que, no segundo, refiro-me a homens masculinizados, classe média-alta e (maioria) brancos. Essa minha posição conceitual é justificada pela historicidade da terminologia e dos sentidos atribuídos aos marcadores. No Brasil, por exemplo, termos como *bixa*, *viado*, *boiola* foram comumente associados a corpos masculinos efeminados e racializados (Juliano, 2020; Pagnam, 2020), enquanto que o termo *gay* (sem tradução para o português), que foi importado do norte global após o movimento *gay* e lésbico de Stonewall, em 1969, em Nova York, é comumente reivindicado e evocado por homossexuais brancos de classe média alta e que atendem aos códigos heteronormativos com suas performances masculinistas (o exagero do masculino que chega a ser caricato em tais corpos).

A minha atitude em politizar o marcador *bixa* não é inédito. Pesquisadores/as como Fernando Benetti (2013), Megg Oliveira (2017), Pedro Silva (2017), Oscar Lopes (2017), Lucas Veiga (2018), André Tavares e Anita Oliveira (2022) já fizeram o mesmo, em trabalhos anteriores. De todo modo, considero que juntos/as aderimos aos princípios eleitos pela socióloga brasileira e branca Larissa Pelúcio (2014), em descolonizar e latinizar as teorias *queer* (ou melhor, teoria cu), a partir do lugar que habitamos: o "cú" geográfico do mundo.

Na geografia anatomizada do mundo, nós nos referimos muitas vezes ao nosso lugar de origem como sendo 'cu do mundo', ou fomos sistematicamente sendo localizados nesses confins periféricos e, de certa forma, acabamos reconhecendo essa geografia como legítima. E se o mundo tem cu é porque tem também uma cabeça. Uma cabeça pensante, que fica acima, ao norte, como convêm às cabeças. Essa metáfora morfológica desenha uma ordem política que assinala onde se produz conhecimento e onde se produz os espaços de experimentação daquelas teorias (Pelúcio, 2014, p. 10).

É desse lugar, pois, que assumo e expresso minha *bixisse* político-científica, evidenciando assim que: "[...] A Teoria Queer dentro do mundo das sexualidades trabalha com as bichas, os 'viados poc poc', as 'sapatões caminhoneiras', as travestis, *drag-queens*, transexuais [...]" (Benetti, 2013, p. 22-23). Ademais,

Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco

assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro queer, nos assumimos como teóricas e teóricos cu. Falar em uma teoria cu é acima de tudo um exercício antropofágico, de se nutrir dessas contribuições tão impressionantes de pensadoras e pensadores do chamado norte, de pensar com elas, mas também de localizar nosso lugar nessa ‘tradição’, porque acredito que estamos sim contribuindo para gestar esse conjunto farto de conhecimentos sobre corpos, sexualidades, desejos, biopolíticas e geopolíticas também (Pelúcio, 2014, p. 4).

Isso posto, registros mostram que a inserção das teorias *queer* na Geografia ocorreu em razão dos estudos desenvolvidos sobre gênero e sexualidades, que abriram brechas teórico-metodológicas e temáticas de pesquisa que colocaram em evidência modos de vidas e/ou cotidianos de grupos marginalizados/subalternizados na sociedade e na arena científica.

[...] A influência queer se desenvolve nas pesquisas geográficas a partir dos anos 90, privilegiando um novo olhar para os enfoques de gênero e sexuais. As(os) geógrafas(os) desta tendência argumentam que não há oposições binárias entre gêneros, mas complexidades de relações que constroem identidades paradoxais. O ponto central de suas críticas é a “falácia” da oposição hetero/homo sexual que organiza o conhecimento e as ações dos sujeitos no mundo. Advogam uma política identitária de sujeitos que podem, de forma relacional e processual, transgredir e sustentar os sistemas explorando as relações entre a sexualidade e espaço para revelar a vasta disposição de negociação constante entre corpos e lugares (Silva, 2008, p. 6).

Geografias das/para sexualidades

As geografias feministas e das sexualidades são órfãs de pai. Situo nesse argumento a importância das mulheres geógrafas que fizeram presença na linha de frente com seus saberes/fazeres e tiveram a coragem e ousadia de profanar a ciência geográfica, em um contexto marcado pelo que denomino de *brotheragem* acadêmica: homens leem e citam apenas homens; homens que elogiam e legitimam apenas os trabalhos de outros homens (e até se desejam entre si). Homens geógrafos em sua maioria brancos, heterossexuais, classe média-alta e que, naquele contexto, dispunham de seus respectivos currículos "Lattes" que funcionavam como parâmetro/métrica de “excelência acadêmica”, ao mesmo tempo (desculpe-me a falta de decoro) como extensão de seus "paus".

Na solidão de suas salas de aulas, gabinetes de trabalho e mesmo em suas casas, as mulheres geógrafas gestaram uma Geografia com corpo, mente, gênero, raça, sexualidade, razão, emoção, desejo e vontade. Graças a essas companheiras foi possível reconhecer a existência de geografias de vidas femininas, negras, homossexuais, lésbicas, transgêneras, bissexuais, indígenas, quilombolas e suas múltiplas intersecções. Geografias insurgentes que atuaram no movimento que hoje reconhecemos como virada cultural-científica.

Influenciadas pelas teorias pós-coloniais, pós-estruturalistas e psicanalíticas, as geografias feministas - associadas às críticas das mulheres negras, de gays, de lésbicas ao perfil universal e elitizado dos movimentos sociais - aprofundaram seu caráter plural, ao abordarem desde as microgeografias do corpo até as relações transnacionais, em variadas perspectivas de análise, abrindo caminho para os estudos das sexualidades a partir da teoria queer, das políticas econômicas e ambientais, baseadas nas críticas ao modelo de globalização instituído (Silva, 2009, p. 43).

Colocou-se em questão as bases teóricas e metodológicas de uma Geografia misógina, racista, homofóbica e por demais masculinista; reformulou-se as chaves conceituais e inaugurou-se outras; elegeu-se fenômenos que, até então, não eram reconhecidos como geográficos; e, principalmente, recuperou-se a capacidade ontológica daqueles/as corpos e mentes que, por séculos, não foram considerados como agentes transformadores do espaço geográfico, a saber: mulheres, negros/as, homossexuais, etc.

Durante longo tempo, a expressão das espacialidades dos grupos de mulheres, dos não brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante não foram consideradas adequadas como objeto de estudos dessa ciência. A razão de suas ausências no discurso geográfico deve ser vista pela legitimação naturalizada dos discursos hegemônicos da Geografia branca, masculina e heterossexual que nega essas existências e impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades (Reis, 2015, p. 24-25).

Tais ausências e invisibilidades não só foram denunciadas, bem como paulatinamente a ciência geográfica foi (e segue sendo) dessacralizada, desmasculinizada e despatologizada. Ainda há muito que se fazer, pesquisar, criar.

No Brasil, são reconhecidas e celebradas as trajetórias da geógrafa negra Maria das Graças Nascimento Silva e das geógrafas brancas como Joseli Maria Silva, Rosa Rossini, Susana Velda da Silva, Ivaine Tonini, Anita Oliveira, Cláudia Zeferino Pires e outras companheiras que recuperaram a potência feminina e das sexualidades para Geografia.

Para conhecimento de alguns feitos recentes das companheiras, deixo aqui registrado que fenômenos e demandas envolvendo as mulheres lésbicas foram majestosamente estudados pela Joseli Silva e seus pares, em especial, a geógrafa Maria Helena Lenzi (Lenzi; Silva, 2018). Os esforços de ambas resultaram no primeiro Dossiê sobre mulheres lésbicas na Geografia brasileira, que foi publicado no ano de 2018, na "Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero". As questões envolvendo os currículos da Geografia escolar e acadêmica para com as ausências e/ou presenças das sexualidades dissidentes enquanto conteúdo geográfico implicaram no trabalho coletivo de Ivaine Tonini com o geógrafo Carlos Moreira (Moreira; Tonini, 2023). Experiências interseccionais inscritas nos corpos das *bixas* pretas foram colocadas em evidência por uma escrita corporificada e poética pronunciada por Anita

Oliveira e André Tavares (Tavares; Oliveira, 2022).

Pertinente também reconhecer a presença e atuação de alguns homens geógrafos que se aliaram às das Geografias feministas e das sexualidades. Geógrafos negros como Alessandro Ratts e Carlos Maia e geógrafos brancos como Miguel Ângelo Ribeiro, Benhur Costa e Marcio Ornat construíram suas trajetórias acadêmicas a partir do comprometimento com questões sobre masculinidades, racialidades, prostituição e homoerotismo. Destaco os trabalhos elaborados pelo professor Benhur, em conjunto com pesquisadoras/es e militantes atuantes no Laboratório sobre Espacialidades Urbanas (LabEU/UFSM). Pesquisas essas que apresentam originalidades em termos teórico metodológicos por tratarem de fenômenos moralmente estigmatizados, a saber, pegação homoerótica em espaços públicos (Costa, 2010; 2014; 2020) e a territorialização de grupos homossexuais em cidades pequenas (Costa, 2012a, 2012b).

As atividades dessas/es intelectuais, no que tange os estudos das sexualidades, fomentaram (e seguem fomentando) parcerias com demais pesquisadores/as da América Latina e Europa, e isso se deve aos trabalhos criativos de seus/suas orientandos/as, que assumem o protagonismo no desenvolvimento de suas pesquisas. Trabalhos que pronunciam saberes, conhecimentos, vozes, experiências de vida e fenômenos corpo-espaciais de diversas expressões. Trabalhos que têm colocado em evidência alguns princípios feministas, como a enunciação de conhecimentos situados (Haraway, 1995) e de geometrias de poder (Massey, 2008) e princípios antirracistas e decoloniais, como a interseccionalidade (Crenshaw, 2002).

Utilizo desses princípios adicionalmente com a prática de politização dos afetos (hooks, 2020) para apresentar ao/à leitor/a experiências derivadas da minha corporeidade negra, nordestina e *bixa* em contato com corporeidades brancas, sulistas e "gays", e os efeitos destas por mim sentidos. Tomo como referência temporal o primeiro semestre do ano de 2023 e a cidade (Santa Maria/RS) que atualmente resido. Em outras palavras, o horizonte empírico problematizado se refere às minhas relações afetivo-sexuais com outros homens. Mobilizo-as para identificar processos e/ou fenômenos que revelam micro-agressões racistas (Joshi; McCutcheon; Sweet, 2023) que podem ser experienciados por outros homens que partilham de alguma marca social que me constitui (raça, sexualidade e/ou regionalidade).

As vivências das *bixas* pretas: abordagens interseccionais e interdisciplinares

O título desta seção coloca em evidência dois processos. O primeiro se refere aos efeitos da ferida colonial que ainda persiste nas relações humanas ditas modernas, qual seja, a sexualização e a animalização de corpos de negros e negras. Prática que considero como uma patologia sociocultural da branquitude, esta secularmente autorizada para atribuir “ismos” para com as experiências de vida que fogem do “normal” (racial, classe, sexualidade, religiosidade, etc). Prática que compreendo como sendo o classificismo branco, uma das bases que sustentou (e sustenta) o pacto da branquitude:

[...] Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (Bento, 2022, p. 18).

O outro processo que comparece implicitamente no título da seção refere-se à reprodução de comportamentos, gestos, performances e estéticas da cultura heterossexual que se quer hegemônica, normativa e compulsória (Butler, 2003) por grupos que, contraditoriamente, são desviantes de tal norma, a saber, homens homossexuais. Considero tais práticas como efeitos (também) da síndrome do "gay espelho de hétero", esta que é definida aqui como a lealdade inconsciente (às vezes, consciente) do homem *gay* para com o homem heterossexual. Isso se dá quando suas expressões captam e refletem a masculinidade heteronormativa (por isso, espelho), qual pode ser identificada a partir de gestos (voz grave, caminhado sem rebolar), práticas (musculação para garantir um “corpo padrão”), estéticas (barba, cabelo, roupas, acessórios), poder de consumo, “questões de gosto”, etc.

Em outras palavras, o "gay espelho de hétero" seria aquele tenta compensar sua sexualidade marginal/desviante a partir do autodisciplinamento de suas práticas, estéticas, gestos e “gostos”. Existe, nessa busca infundável, o pressuposto de que se assim o for/agir, esse homem *gay* será mais “aceito” e/ou “respeitado” pelos/as heterossexuais do seu cotidiano (família, amigos, trabalho) do que aquela *bixa* que contesta tal regime heteronormativo com uma performance efeminada. Bem como o "gay espelho de hétero" crê que será mais facilmente desejado por outros homens homossexuais, bissexuais e homens que se relacionam sexualmente com homens e não se identificam como homossexual ou bissexual e que preferem, portanto, um corpo e uma expressão de gênero a mais masculina possível.

[...] a concepção de que um corpo musculoso que é sinal de masculinidade e virilidade, leva os homens que se relacionam com outros homens a buscarem alcançar essa imagem corpórea, para obterem respeito, segurança e domínio por meio do corpo. A construção de um corpo super masculinizado aparecem com dois objetivos: como uma forma de mascarar a sua sexualidade no meio social e de ter uma vantagem no momento da sedução, visto que a demonstração de um semblante másculo lhe daria uma vantagem sobre os outros gays em decorrente dessa valorização dos trejeitos masculinos (Leite Junior; Sisnando, 2020, p. 966).

É preciso delimitar alguns filtros nesse grande grupo de homens homossexuais para identificar aqueles que são os mais afetados, constrangidos, descaracterizados e, às vezes, violentados por conta de tais táticas herdadas do classificismo branco e da heterossexualidade compulsória, uma vez que a síndrome do "gay espelho de hétero" é agenciada por uma raça e classe específicas, ou seja, geralmente são os homens brancos e de classe média/alta que se beneficiam dessa hierarquização de corpos (não que homossexuais negros e pobres exercitem tais condutas de masculinidade heteronormativa,

apenas me ateno ao que é mais visibilizado e rentável no mercado do desejo e da beleza). Por sua vez, os homens homossexuais efeminados (as *bixas*, as *poc-poc*), negros, gordos e PCD seguem na condição de escória.

Isso posto, utilizo a chave conceitual interseccionalidade derivada dos feminismos negros e que teve entre suas contribuintes a jurista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002). A interseccionalidade nos permite identificar os efeitos da estrutura social-político-econômica que reproduz o racismo indissociável do classismo, etnocentrismo, sexismo, homofobia, preconceito religioso, etc., para com as mulheres negras. Tal ferramenta analítica é de igual forma importante para entender as experiências das *bixas* pretas, *poc-poc* e periféricas (sendo este o meu objetivo para com a presente seção).

[...] A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar estruturas e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam posições relativas de mulheres [e homens], raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos e ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

A interseccionalidade tem sido amplamente aplicada e difundida na Geografia a partir de abordagens feministas para com questões que envolvem a violência e opressões de gênero em espaços públicos e privados (Lindo; Pereira, 2023), a maternidade (Przybysz, 2017; Oliveira, 2021), relações de poder no campo científico (Silva; Souza, 2022), práticas de saúde/cuidado (Alves; Pedroso; Guimarães, 2019), dissidentes sexuais e/ou de gênero e suas territorialidades (Pequeno, 2023) entre outras.

[...] Ao reconhecer a interseccionalidade, a Geografia Feminista busca entender como diferentes grupos sociais enfrentam experiências e desafios distintos em relação ao acesso a recursos, poder e oportunidades no espaço geográfico. Além disso, a Geografia Feminista também critica a ideia de um ‘olhar masculino’ predominante na Geografia Tradicional, que, muitas vezes, marginaliza as perspectivas e experiências das mulheres, reforçando desigualdades de gênero [...] (Lindo; Pereira, 2023, p. 3).

Negro, magro e alto... Logo... Dotado!

Mesmo que a experiência corpo espacial de uma/um negra/o seja constituída interseccionalmente, persiste ainda alguns imaginários que essencializam e universalizam o corpo negro a partir de uma única característica, por exemplo, a sexualidade.

[...] o corpo negro é lido na chave da hipersexualização. Compreende-se, portanto, que a condição de subalternidade da população negra se

estende às mais diversas searas sociais e, nessa direção, constroem o imaginário social do lugar dos[as] negros[as]: subalternidade e objetificação (Soares, 2021, p. 79).

A raiz desse dispositivo de controle e poder (Foucault, 2015) fortificou estereótipos sobre o corpo da mulher negra e do homem negro, de como tais corpos deveriam/devem expressar suas identidades de gênero, suas sexualidades e papéis sociais. Quando enunciados, mesmo que na “melhor das intenções”, tais estereótipos reacendem chama da ferida colonial que ceifou a vida de negros e negras em prol de um projeto civilizatório racista, cristão e compulsoriamente heterossexista. Com foco para a corporeidade negra masculina, os registros conhecidos deixam ver que:

[...] O período escravagista que transformou a escravidão numa instituição social, reverbera na contemporaneidade sem intenção de disfarce. A condição de ‘negão’ que se espera de homens negros é resultado desse processo exploratório e silenciador da população negra. Um corpo forte, viril, sexualmente atraente, inesgotável e disponível para saciar os desejos daqueles que o fetichizam (Soares, 2021, p. 83).

O imaginário para com a identidade masculina, heterossexual, ativa e viril do homem negro esbarra nas experiências de homens negros homossexuais e suas experiências desviantes que perturbam a coerência dessa estrutura normativa (sexo-gênero-sexualidade) imposta para com os corpos racializados. Isso foi possível graças à noção de autenticidade negra, conforme verificado por Matheus Bibiano (2020):

[...] O reforço do discurso de autenticidade negra, portanto, aponta para uma noção essencialista sobre a negritude e a homossexualidade, racializando a identidade homossexual masculina enquanto branca e, em oposição, posiciona o negro em uma pretensa condição ontologicamente heterossexual. Assim, esse discurso marginaliza e invisibiliza gays e lésbicas negros e os afasta de sua identidade racial e impossibilita a identidade formada a partir de sua sexualidade [...] (Bibiano, 2020, p. 99).

A eficácia desse imaginário é tão perversa que encontra meios (mídia, cinema, literatura, música, pornografia, etc.) de ser reproduzida/reforçada na consciência individual e coletiva (Soares, 2021) de homens homossexuais, principalmente, quando se trata de homens brancos que desejam homens negros:

A estrutura imagética do homem negro que povoa o imaginário de alguns homens gays parte do princípio que ele sempre será: viril, másculo, sexualmente inesgotável, forte e ‘bem dotado’ (no que diz respeito ao tamanho do seu pênis). Essas características dispensam quaisquer outras como: afetividade, cultura, educação, dentre outras. Em suma, o homem negro é percebido como um objeto sexual ou um escravo sexual para cumprir o papel de satisfazer os desejos daqueles

que o procuram (Soares, 2021, p. 79).

O que um homem "gay" branco e sulista espera de mim, uma *bixa* preta nordestina? Sou reconhecido/desejado pela minha corporeidade e/ou estética ou pelas minhas experiências de vida? Pela minha sexualidade ou pelo prazer sexual que posso proporcionar àquele? Pelo meu corpo como inteiro ou apenas pelo meu "pau"? Essas são algumas questões e incômodos decorrentes de minhas relações afetivo-sexuais que, diariamente, têm me levado a refletir e estudar sobre.

A masculinidade do homem negro fica reduzida ao seu sexo e, nas relações homoafetivas ou sexuais simplesmente, o que se espera é que o parceiro de pele mais escura atue como o ativo, e o parceiro mais claro como o passivo. Essa expectativa em relação ao homossexual negro interfere no processo de afirmação da sua orientação sexual: colocada num plano específico, reduz suas possibilidades de atuação. Interpretado como o sujeito ativo (o penetrador), o que se espera do homossexual negro é que adote atitudes viris, que não desmunheque, que seja homem nos moldes tradicionais impostos por nossa sociedade. Essa seria uma espécie de moeda de troca que autorizaria sua presença nos ambientes gays (Oliveira, 2017, p. 95).

Se recuso a performance de masculinidade e virilidade esperada, sou menos negro e menos homem aos olhos de outrem? Se sou menos negro e menos homem para o homem branco homossexual, sou também menos negro e menos homem para o homem negro heterossexual? Passarei a ocupar triplamente o polo da negatividade subjetiva? *Nem tão homem. Nem tão negro. Nem tão gay.* E se assim o for, teria eu uma *não-identidade*? E se assim for, qual o meu lugar?

[...] estando a "*bixa* preta" numa condição de rejeição dentro desses dispositivos, o lugar que lhe é relegado na economia do desejo é um "não-lugar". Ser vista como exótica e ser constantemente fetichizada pelas "bichas brancas" são marcações desse não-lugar. Há uma redução da sua humanidade, da sua integridade como pessoa, que inclui sua personalidade, sua história, seus desejos, seu modo de ver e de estar no mundo a uma dimensão apenas corporal. O "não-lugar" da "*bixa* preta" na economia do desejo é o lugar de um corpo, por vezes, animalizado, em que a fantasia em torno do tamanho do pênis e de sua performance sexual preenche o imaginário das "bichas brancas", deixando pouco espaço para que a "*bixa* preta" possa entrar na economia do desejo como sujeito que tem um corpo e não apenas como corpo (Veiga, 2018, p. 84-85, grifos meus).

A recusa pelo corpo da *bixa* preta efeminada e periférica é justificada pela fictícia ideia de "questão de gosto". O perigo de tal falácia é que sutilmente naturaliza micro-agressões de cunho racista, conseqüentemente, torna-se cada vez mais difícil assumir a responsabilidade pelo dito, e mais difícil ainda o letramento racial.

[...] as microagressões são tipicamente realizadas inconscientemente pelo agressor, que, por sua vez, não está apenas ignorante do efeito no destinatário, mas também propenso a sentir-se ofendido pela insinuação de que ele ou ela esteja envolvido em um ato de racismo. Como resultado, pode ser difícil falar sobre a experiência com uma pessoa branca [...] Uma vez que os agressores podem rejeitar um incidente de microagressão racial como não racial, efetivamente cancelando a experiência da vítima, esta fica propensa a duvidar de si mesma e frequentemente precisa que outra pessoa que possa estar relacionada a experiências semelhantes valide as suas [...] (Joshi; McCutcheon; Sweet, 2023, p. 410).

Gosto por algo ou gostar de alguém nunca deve ser considerado *a priori*. Questão de gosto é sempre *a posteriori*. Felizmente, há muito que ser debatido sobre. Por isso a importância do letramento racial e feminista para a (re)construção do masculino e das múltiplas masculinidades.

“Que pauzão você tem, devia abrir um *Onlyfans*”: elogios brancos para um corpo negro

Nesta penúltima seção, exponho relatos de experiências afetivo-sexuais que tive com outros homens quando da minha chegada na cidade de Santa Maria/RS, em razão do meu ingresso na Pós-Graduação em Geografia. Os encontros descritos¹ foram inicialmente mediados de forma virtual por meio do aplicativo *Grindr*, o qual é direcionado para usuários do gênero masculino que desejam sexualmente outros homens (cisgêneros e transgêneros).

Faço uma articulação metodológica entre um procedimento derivado das teorias construcionistas e outro derivado das teorias *queer*, estas afirmadas como desconstrucionistas.

Sobre o primeiro procedimento metodológico, a saber...

As descrições que seguem aderem aos princípios da autonarrativa (Gergen, 2007) haja vista que foram (e são) constituídas e ganham sentido/significado a partir do percurso temporal (início, meio e fim) estabelecido quando do ato de relatar aquelas para alguém. Assim, cada momento/hora (tempo) é por demais interessante pois, em cada um destes, ocorreram (ocorrem) práticas, ações, diálogos, etc.

[...] decir que usamos historias para hacernos comprensibles no es ir demasiado lejos. No sólo contamos nuestras vidas como historias, también existe un sentido significativo en el cual nuestras relaciones con otros se viven de forma narrativa [...]. Debido a que los eventos de la vida diaria están inmersos en narraciones, quedan cargados con un sentido historiado: adquieren la realidad de un ‘comienzo’, ‘un punto intermedio’, ‘un clímax’, ‘un final’, y así sucesivamente. Las personas viven los acontecimientos de este modo y, junto con otros, los catalogan justamente en esta forma [...] En un sentido

¹ Todas as transcrições estão de acordo com o que eu registrei no meu diário pessoal. Assim sendo, erros ortográficos e de pontuação foram mantidos com o objetivo de tornar a experiência da leitura mais íntima possível.

significativo, entonces, vivimos a través de historias, tanto al contar como al comprender al yo (Gergen, 2007, p. 154).

(... Do primeiro procedimento articulado com...)

Não pretendo qualificar minhas experiências como verdades incontestáveis. Por isso, articulo-as com a atitude *queer* proposta pela pesquisadora branca estadunidense Judith Butler, qual seja: o ato de relatar a si mesmo. Este se efetiva quando uma(s) narrativa(s) enunciada(s) por alguém oferece a este/a uma autoridade político-pessoal. Essa mesma autoridade dispõe de um caráter persuasivo para com o/a interlocutor/a no que tange a “verdade” do que foi dito/enunciado.

O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir. A narrativa, portanto, deve estabelecer se o si-mesmo foi ou não foi a causa do sofrimento, e assim proporcionar um meio persuasivo em virtude do qual é possível entender a ação causal do si-mesmo. A narrativa não surge posteriormente a essa ação causal, mas constitui o pré-requisito de qualquer relato que possamos dar da ação moral. Nesse sentido, a capacidade narrativa é a precondição para fazermos um relato de nós mesmos e assumirmos a responsabilidade por nossas ações através desse meio [...] (Butler, 2015, p. 19).

(Pausa)

A seguir minhas autonarrativas e persuasões *queer*.

Tarde de 3 de abril de 2023

O rapaz que trabalha como bombeiro me chamou para ir na casa dele novamente. Cheguei lá por volta das 23 horas. Nos cumprimentamos, em seguida, fomos para o quarto. Após a transa, ficamos deitados e passamos a conversar sobre as nossas experiências com os homens do Grindr. Ele me expressou se incômodo em como “alguns caras são enrolados demais” para marcar um sexo casual. Me perguntou se eu também achava isso, disse-lhe que às vezes tenho esta impressão e às vezes penso que a pessoa só está entediada e o aplicativo é utilizado como uma fuga. Aprofundamos o assunto e começamos a conversar sobre as performances sexuais dos homens com quem saímos. Disse-me o quanto a cidade é “cheia de passivos²”, e que alguns “mentem dizendo ser versáteis³, mas na verdade só querem dar”. Contei a ele que prefiro performar apenas como ativo, mas que já tive experiências como passivo por insegurança com meu corpo, em seguida, falei do meu incômodo para com alguns homens que quando vão falar comigo utiliza elogios como “moreno bonito”, “adoro morenos”, “adoro um magrinho pauzudo”, disse a ele o quanto me sentia afetado em ser interpretado como moreno quando, na verdade, sou

2 Refere-se à posição sexual em que a pessoa é penetrada.

3 Pessoa que sente prazer tanto por penetrar quanto por ser penetrada no ato sexual.

negro, e como para mim isso parece mais uma ofensa racista do que um elogio. Foi então que ele me interpelou dizendo “Não não, fica tranquilo o moreno para gente [se referindo à cultura gaúcha] é aquela pessoa com tom de pele nem tão claro, nem tão escura. Quando falamos para alguém que é moreno ou que somos moreno é nesse sentido, não estamos sendo racistas”. Não quis prolongar o assunto, e então respondi “É, pode ser, talvez seja isso”. O assunto seguinte girou em torno da minha regionalidade e sobre as eleições de 2022. Ele me perguntou o que eu achava das políticas públicas “do PT”, como o bolsa família. Expressou seu ponto de vista que as pessoas ficam acomodadas em receber tais auxílios do governo. Imediatamente, rebati dizendo que o que essas políticas públicas tentam fazer é reparar uma dívida do passado na história do país, em que nordestinos foram explorados/as pelas elites do Sudeste/Sul e isso consiste numa das raízes das desigualdades regionais do Brasil que até hoje se faz presente. Reconheci que algumas políticas públicas podem ser sim usadas para manipular a sociedade, mas isso não pode ser generalizado. Ele percebeu minha discordância com seu pensamento e, em seguida, agradeceu pela companhia e disse que precisava descansar pois ia levantar cedo para trabalhar.

(Pausa)

Então, é *você* e demais homens *gays* brancos que definem o que é e o que não é racismo e xenofobia? *Sua* curiosidade em saber minha opinião sobre o Nordeste ter votado em massa no Lula é de fato um interesse sincero ou apenas uma oportunidade de fazer chacota, afinal, se o Nordeste é tão bom assim, o que *eu* estou fazendo, estudando no Sul do país? A dúvida que ficou: Sou um “moreno magrinho e *pauzudo*” para *você* também?

Tarde de 14 de abril de 2023

Fui encontrar ele na Praça Saldanha Marinho. Tínhamos conversado no Grindr pela manhã, e após eu ter contado a ele que eu era nordestino e tinha chegado na cidade há 15 dias, ele me convidou para conhecer o centro histórico e a feira que acontece todo o segundo domingo de cada mês. Aceitei o convite e às 16 horas nos encontramos na praça. Fomos caminhando até o centro histórico da cidade. Durante o caminho, ele foi me contando sobre suas experiências na graduação, o que me fez me sentir à vontade para contar o tema da minha pesquisa de mestrado. Depois da nossa caminhada pelo centro histórico da cidade, decidimos seguir caminhando em direção ao centro comercial da cidade. Paramos para descansar numa praça situada numa das avenidas principais. Sentamos num banco. Comecei a questioná-lo sobre suas experiências no Grindr, já que ele se mostrou interessado pela pesquisa que eu pretendia desenvolver. Segundo ele, nessa cidade é bastante comum homens casados e militares utilizarem o Grindr para buscar sexo. Disse-me que conhece um cara casado com quem sai às vezes, e que seu amigo também sai com o mesmo. Perguntei-lhe se ele costumava fazer pegações em locais públicos. Respondeu que sim. Segundo ele, existe um parque que já foi mais frequentado à noite para pegação, mas que atualmente, devido aos assaltos constantes, os homens têm preferido outra área que fica numa rua em que há um terreno sem ocupação. Foi então que ele revelou suas experiências nesse

local, tanto como observador quanto praticante. Dentre os seus relatos, um me chamou atenção que foi sobre um padre de uma Igreja católica que utilizava o carro da diocese para buscar parceiros sexuais ali. Disse-me que se algum dia eu quisesse conhecer o local, ele poderia me acompanhar. Considerei a proposta. Seguimos conversando sobre nossas experiências pessoais, primeiro beijo e sexo com um homem, nossa saída de armário, quando ele me contou que ainda não tinha declarado sua homossexualidade para a família. Mas, sente que sua mãe e seu pai desconfiam que ele é gay. Segundo ele, foi nessa cidade que ele se permitiu a experimentar relações homoafetivas, uma vez que sua cidade natal consiste em uma cidade com menos de 10 mil habitantes, e que há muito conservadorismo. Perguntei se ele já tinha namorado alguma vez, e ele me disse que não, mas que não desconsiderava a possibilidade. Me contou que seu aniversário seria no dia seguinte. Nos despedimos com um abraço, não senti vontade de beijá-lo, pois aparentemente estava gripado ou com rinite. Marcamos de nos encontrar novamente.

(Pausa)

Vejo *nele* um pouco do David, em “O Quarto de Giovanni”. A fuga do interior para cidade grande. A universidade como lugar outro em que garantirá a liberdade para viver sua sexualidade. A rotina universitária como tempo propício ao amadurecimento enquanto homem *gay*. Ou talvez não. As pegações em locais públicos e de forma anônima como liberdade para experimentar sua sexualidade sem julgamento moral (pelo menos dele consigo mesmo). A profanação do espaço público que se torna um território carnal, efêmero, excitante, até mesmo para o padre que vive entre o sagrado e o profano. Nada mais *queer!*

Noite de 14 de abril de 2023

Cheguei em casa com uma sensação de satisfação, ao mesmo tempo uma estranheza de que a finalização do encontro não havia sido o sexo. O desejo pela prática sexual não foi expressado com tanta urgência por ambos. O diálogo estava mais interessante. Conhecer-se. Reconhecer-se. 22 horas. Estou com vontade de transar. Vou entrar no Grindr. Após algumas abordagens de alguns rapazes, decidi conversar com um que já havia conversado dias antes. Ele também é nordestino e estava de passagem por Santa Maria. Cumprimentei-o e perguntei se estava afim de fazer algo naquela noite, considerando que em termos de distância ele estava bem próximo da minha casa. Ele respondeu afirmativamente. Disse-me que ia tomar um banho e em seguida viria ao meu encontro. Aguardei. 20 minutos depois, ele chegou na minha casa. Nos cumprimentamos novamente, diálogo curto, e já iniciamos a transa. Após alguns minutos, ele percebeu que eu demorava para atingir o orgasmo, então me perguntou se eu gostaria de chamar mais outro cara para o sexo. Fiquei na dúvida, ao mesmo tempo que considerei a possibilidade de uma nova descoberta sexual. Disse-lhe que poderíamos chamar. Imediatamente, ele abriu o seu whatsapp e enviou mensagens para alguns contatos. Como demoraram a responder, sugeri que entrasse no Grindr para ver se alguém toparia naquele momento. Um cara nos respondeu no Grindr nos dizendo que estava hospedado no hotel próximo e que estava interessado no

sexo a três. Pediu para fazermos uma vídeo-chamada. Em seguida, o rapaz que já estava comigo foi buscar o outro no hotel. Chegaram aqui em pouco tempo. O rapaz do hotel está visivelmente nervoso e desconfiado. Pediu para desligar nossos celulares (??). Não senti tesão para transar com ele, mas quis observá-lo. E então as afetações surgiram. Imediatamente, ele revelou que tinha gostado muito do corpo do outro rapaz que, diferentemente do meu, era um corpo “mais forte”, segundo suas palavras. Logo, entendi isso como uma negativa ao meu corpo. Em seguida, o rapaz do hotel me pergunta se para mim estava tudo bem se ele e o outro rapaz tivessem um momento a dois de beijos e penetração. Disse que não havia problema algum. Assumi a postura de voyeur. Fiquei excitado. Enquanto o sexo entre eles acontecia, o rapaz do hotel, entre gemidos e ofegações, revelou que queria o outro rapaz só para ele, que havia encontrado um homem lindo e que estava apaixonado. Imediatamente minha ereção se desfez. Mantive a postura voyeur. O outro rapaz nada respondeu às declarações feitas pelo cara do hotel. Num momento, o rapaz que estava comigo trocou alguns olhares comigo e me chamou para participar, expressei que tinha broxado, e ele percebeu que a situação estava sendo desconfortável para mim. De certa forma, estava. Por fim, o sexo terminou sendo entre os dois rapazes e eu enquanto voyer. Acabei indo ao banheiro para me lavar, e quando retornei ao quarto eles já estavam se vestindo. Nos despedimos, e o rapaz que estava comigo foi acompanhar o outro cara até o hotel. Minutos depois, recebo uma mensagem do primeiro no Grindr me pedindo desculpa pela situação desconfortável. Disse-lhe que ele não tinha com que se preocupar, que, na verdade, eu havia broxado devido a presença do outro rapaz. Não entrei em detalhes do porquê. Me disse que o rapaz do hotel havia lhe contado que trabalhava como médico, e fez a suposição irônica de que talvez ele fosse pediatra já que o mesmo tinha sido muito meloso durante o sexo. Disse-lhe, então, que havia interpretado como uma carência de afetos para além de um sexo casual [...].

(Pausa)

Duas *bixas*-pretas nordestinos e ativos sexualmente para um gay branco sulista branco e passivo sexualmente. Nada mais excitante! Mas somente um tem um corpo atraente.

“Não me leve mal, é questão de gosto!”

“Tudo bem, sem problemas”.

Na verdade, não foi só questão de gosto, a outra *bixa*-preta era mais masculino e viril, ao contrário de mim. Na verdade, não estava tudo bem. Quis mandá-lo embora assim que chegou.

“Você é bonito e tem um pauzão”.

O que ele quis dizer foi: a única coisa que tenho a oferecer é o meu pau. Respondi: *“Vou ficar olhando vocês”.* Senti-me desconfortável. Broxei. Ainda assim me pareceu interessante toda a cena. Fui ao banheiro me lavar enquanto eles terminaram a foda e gozaram. Moral da história: O homem *gay* branco efeminado que não se reconhece como, ou se reconhece nega isso quando me recusa o que revela uma misoginia e falocentrismo inscrito em sua subjetividade. Por isso, decidi rejeitar a *bixa* preta por não ser másculo o suficiente, nem viril o suficiente quanto à outra *bixa* preta.

Tarde de 11 de maio de 2023

Hoje decidi estudar na biblioteca central da universidade. Passei a manhã lendo artigos sobre a utilização da fotografia na Geografia. Agora são 12:13. Vou almoçar. A comida estava deliciosa. Saio do restaurante. Caminho pelo campus enquanto aproveito o sol de outono. Sento num banco. Observo a circulação de outros/as estudantes. Retorno à biblioteca. Olho as notificações no celular antes de retomar as leituras. Abri o Grindr. Nenhuma mensagem. Com vontade de transar. Passeio pelos perfis e encontro um perfil que me chamou atenção. Não tinha nome, apenas três emojis: urso, pêssego e berinjala. Um homem gay que se identifica na tribo dos ursos, e que se considera versátil na transa. Decido conversar com ele. Enviei minha foto, ele reagiu com um emoji de chama. Está afim! Trocamos nudes. Ao ver as minhas, escreve-me “adoro uma rola preta”. Por um momento, não me sinto desconfortável. Considero um elogio e entro no jogo. Escrevo que sou muito atraído por homens peludos. Ele também não demonstrou nenhum incômodo. Disse-me que morava no bairro da universidade e que tinha local, caso eu quisesse transar naquele momento. Escrevo que estou interessado, mas que só posso ir ao seu encontro depois das 18:00. Responde dizendo que “marcar depois” nunca dá em nada. Escrevo-lhe que entendo seu ponto de vista, mas que, de fato, estava afim de conhecê-lo. Combinamos que quando eu saísse da universidade, iria passar na sua casa. Retomei os estudos, porém, não consegui me concentrar o suficiente para seguir. Estava com o pensamento na possível transa que iria ocorrer mais tarde. Entrei no Grindr e avisei para ele que iria sair às 16:30. Chegamos em seu apartamento. Sou tomado por um encantamento com o que vejo. Um apartamento com uma autenticidade imaginável. Quadros de Frida Kahlo pelas paredes. Bonecos em miniatura de orixás, barbies, mulheres indígenas, africanas, mexicanas. Pergunto se posso manusear. Me responde que sim. Expresso a minha admiração pela decoração, ele recebe bem. Fomos para o quarto. Ao final da transa, a minha curiosidade sobre a decoração de sua casa ainda permanecia. Fui na sala, e na mesa avistei um livro sobre Frida Kahlo. Lhe fiz perguntas sobre. Foi quando ele me contou sua trajetória acadêmica. Segundo ele, o seu interesse pela obra de Frida Kahlo surgiu desde o mestrado, contudo, foi no Doutorado e no Pós-Doutorado que ele de fato se aprofundou na artista. Percebendo meu êxtase ao ouvir seu relato, me pergunta se eu gostaria de receber um exemplar de um livro que estava na mesa. Imediatamente, disse que sim! Estava em completo êxtase. Encantando com seus relatos sobre sua pesquisa no México. Me senti à vontade para lhe contar sobre minha pesquisa de mestrado. Ele me recomendou algumas bibliografias, e perguntou se eu utilizava o conceito de performatividade de Judith Butler. Disse-lhe que sim e que estava agora atrás de referências latinoamericanas. Nesse momento, ele me convida para conhecer sua biblioteca pessoal e, conseqüentemente, seu espaço de estudo. Me deparo com um poster enorme do disco Confessions on a Dance Floor da Madonna colado na parede. Falo para ele que adoro a Madonna, e que meu disco preferido é Ray of Light. Ele me olha com surpresa. Me conta que tem pesquisado sobre moda, e vem fazendo leituras para escrita de novos textos sobre a cultura pop em torno do universo Barbie e da Xuxa. Agradeço

Victor Dantas Siqueira Pequeno

214

novamente pelo presente, pela transa e pelos seus relatos. Ele me trouxe de volta para a Universidade. Nos despedimos e trocamos números de telefone.

(Pausa)

Um encontro perfeito para chamá-lo de queer!

De um elogio problemático em que *você* sexualiza meu corpo e fetichiza a minha regionalidade ao dizer pessoalmente (olho no olho, corpos nus) que “*os baianos me deixam louco*”. Na verdade, sou sergipano. Uma partilha de conhecimentos e experiências acadêmicas que mostram que você, na Universidade, está engajado com as questões de gênero e sexualidade assim como estou, e que mostra (aparentemente) que *você* reconhece que *sua* masculinidade, assim como a minha, não segue os ditames hegemônicos da cultura corpocêntrica e falocêntrica. E quem melhor para encerrar o nosso momento (maravilhosamente) que a Frida Kahlo e Madonna? Definitivamente, um encontro mais que erótico.

Algumas considerações

*Did I say something wrong?
Oops, I didn't know I couldn't talk about sex
(Must've been crazy)
(Madonna)*

Numa tarde de setembro de 2023.

Quando recebi o convite para participar deste dossiê, não fazia ideia do que ia escrever. Inicialmente, quis relatar a minha experiência acadêmica quando da minha descoberta com as geografias feministas e das sexualidades e do processo de escrita do meu trabalho de conclusão de curso. Tudo mudou quando na última semana de junho de 2023 tive a oportunidade de participar de uma disciplina concentrada do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com a professora Joseli Silva.

A viagem para Ponta Grossa foi como um momento de "fuga" em razão dos meus incômodos com algumas decisões e articulações políticas entre professores (e algumas professoras) do Programa de Pós-Graduação do qual eu faço parte. Decisões estas que, desde abril de 2023, têm sido para mim como um lembrete de que há dois tipos de alianças acadêmicas: a politicagem oportunista-individualista e a aliança entre pesquisadores e pesquisadoras que celebram individual e coletivamente os sucessos de seus trabalhos, bem como se mostram solidários/as com as dificuldades que surgem.

Ouvir e aprender com a professora Joseli e a "turma da Jô" naquela última semana de junho de 2023 foi de suma importância para me sentir acolhido e entender que as minhas angústias são sim legítimas. A autoestima acadêmica não se obtém e nem se sustenta com publicações e/ou títulos, ainda que isso seja fundamental em termos de reconhecimento institucional e garantia de recursos para projetos outros.

São as relações de afeto e parceria que construímos dentro e fora da sala de

aula, durante e após a nossa escrita da dissertação ou tese que nos enche de confiança para se apresentar enquanto pesquisador ou pesquisadora, ainda mais num país como o Brasil, em que governos e lideranças extremistas se esforçam ao máximo para sucatear a educação pública e, em especial, as ciências humanas e sociais, sendo este o campo que me insiro.

Outra reconstrução: quando a professora Joseli Silva expôs para a gente os afetos e desafetos que a constituíram enquanto mulher, mãe e pesquisadora, mencionou, em sua fala, a bell hooks e o Paulo Freire como intelectuais indispensáveis para um letramento racial, crítico e para uma escrita corporificada, e educação feminista e emancipatória movida pelo amor. “Vida é amor em potência”, assim ela nos disse parafraseando a bell hooks.

Não amo nem amei os rapazes com quem eu mantive alguma relação afetivo sexual, e que foram descritas neste artigo. Amei e sigo amando os momentos, os encontros, as horas que passamos juntos. Os diálogos que ocorreram. Os afetos e desafetos sentidos. Amei ter refletido e escrito sobre eles, nós e eu mesmo.

Esta foi a minha contribuição. Escrever sobre geografias de vida. Sobre a ciência escolhida por mim em 2018 e que se tornou potência de vida. Finalmente, posso deixar registrado que eu descobri que a Geografia é (também) para/sobre/dos amores. Os meus, os seus, os nossos. Para além do gozo sexual, uma gozar geográfico. Não é e nem foi somente sobre sexo. E mesmo se fosse,

*I'm not sorry
It's human nature.
(Madonna).*

Referências

ABREU, Edson. Notas sobre a escrita científica e a literatura. **Ensaios de Geografia**, v. 10, n. 21, p. 43-57, 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/57673. Acesso em: 1 set. 2023.

ALVES, Natália Cristina; PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 9-24, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6435>. Acesso em: 7 ago. 2023.

ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 3 ed. Tradução: Valério Romão. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Conceição Aparecida. O espaço na literatura e o espaço da literatura. **CALIGRAMA**, v. 17, n. 1, p. 7-22, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/1059>. Acesso em: 9 ago. 2023.

BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no Brasil (1980-2013). 170f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e Educação, 2013.

BIBIANO, Matheus. Masculinidades negras em disputa: Autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 13, p. 98–114, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35671>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: el poder del duelo y la violencia. Trad.: Fermín Rodríguez. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CAMPOS, Mayã Pólo de; SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando. Emoção corporificada e potência para constituição de espaços de luta para superar a violência sexual sofrida por mulheres. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 37–50, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6401>. Acesso em: 7 jul. 2023.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma Geografia literária: de leituras do espaço e espaço de leitura. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 191-201, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12100>. Acesso em: 26 ago. 2023.

COSTA, Benhur Pinós. Geografia das interações culturais no espaço urbano: o caso da territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 207-224, 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1716>. Acesso em: 5 abr. 2023.

COSTA, Benhur Pinós. Pequenas cidades e diversidades culturais no interior

do estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas em Sante Ângelo e Cruz Alta-RS. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p. 37-53, 2012a. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/3232>. Acesso em: 19 abr. 2023.

COSTA, Benhur Pinós. Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 2, p. 125-137, 2012b. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/3233>. Acesso em: 20 abr. 2023.

COSTA, Benhur Pinós. Práticas de 'pegação' homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA). **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 1, p. 152-179, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/5233>. Acesso em: 4 abr. 2023.

COSTA, Benhur Pinós. As geografias das constituições dos devires-expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise nas pesquisas em microterritorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 42, v. 2, p. 90-114, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7884>. Acesso em: 12 abr. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 26 maio 2023.

GERGEN, Kenneth. **Construccionismo Social: Aportes para el debate y la práctica**. Traducción: Angela María Estrada Mesa e Silvia Diazgranados Ferráns. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2007.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 27 maio 2023.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad.: Bhuvi Libanio. 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>

estados/rs/santa-maria.html. Acesso em: 02 abr. 2024.

JOSHI, Shangrila; McCUTCHEON, Priscilla; SWEET, Elizabeth L. Geografias viscerais de branquitude e as microagressões invisíveis. *In*: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). **Corpos e Geografia**: Expressões de espaços encarnados. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023, p. 402-433.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad.: Roberto Machado. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JULIANO, Pedro Barcellos Rodrigues. Ei, você aí macho discreto, chega mais, cola aqui, vamos bater um papo reto: tratando de masculinidades e vivências negras. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 132-143, 2020. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/1825>. Acesso em: 23 ago. 2023.

LEITE JUNIOR, Francisco Francinete; SISNANDO, Hérciles Vinicius Pereira. Homossexualidades e heteronormativida nos modos de vida gay: uma revisão narrativa. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 9, n. 1, p. 960–968, 2020. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/824>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LENZI, Maria Helena; SILVA, Joseli Maria. ‘Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê’: Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis – SC, Brasil. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 114-152, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/12790>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LINDO, Paula Vanessa de Farias; PEREIRA, Stéfany. Geografias feministas e interseccionalidade como metodologias para ler e estar no mundo: investigando mulheres torcedoras de futebol e machismo. **GEOFRONTER**, v. 9, n. 1, p. 1-21. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/7717>. Acesso em: 22 ago. 2023.

LOPES, Oscar Guilherme. Gays afeminados ou a poluição homoerótica. **Revista Periódicus**, n. 7, v. 1, p. 405-422, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22287>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: Uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOREIRA, Carlos André Gayer; TONINI, Ivaine Maria. **Espacialidades Transgressoras: Gênero e sexualidades na Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023, 374p.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, v. 23, n. 46, p. 7-32, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7>. Acesso em: 26 ago. 2023.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. Corpo, espacialidade e maternidade: trilhas para uma Geografia corporificada. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 217-243, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12472>. Acesso em: 20 maio 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 190f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2017.

PAGNAN, Redson. Espaço, gênero e identidade: a onipresença da masculinidade e a revolução das bixas transviadas. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 13, p. 156-174, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35209>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, p. 68-91, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>. Acesso em: 12 maio 2023.

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. Quase 30 anos de Geografias Prostitutas! **GEOFRONTER**, v. 9, n. 1, p. 1-22. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/7642>. Acesso em: 12 jul. 2023.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Espacialidades e interseccionalidades na vivência de mulheres prostitutas mães na cidade de Ponta Grossa - PR. **GeoUSP - Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 570-585, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/117719>. Acesso em: 20 maio 2023.

RAMOS, Elvis Christian Madureira; MILANI, Patricia Helena. O corpo fora de lugar: de uma Geografia dos indivíduos para uma Geografia dos sujeitos. **GEOfographia**, v. 24, n. 52, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/51617>. Acesso em: 14 jul. 2023.

REIS, Maíra Lopes. Estudos de gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço. **Espaço e Cultura**, n. 38, p. 11-34, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/29067>. Acesso em: 22 maio 2023.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 41, p. 267-284, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9281/6949>. Acesso em: 24 ago. 2023.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography: The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

SILVA, Cíntia Cristina Lisboa da; SOUZA, Lorena Francisco de. Geografia e a Perspectiva Interseccional de Gênero e Raça: Corporeidade e Espaços que Produzem o Campo Científico. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 125-148, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/19782>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio. O ensino de Geografia e Literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia**, v. 15, n. 49, p. 80-89, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/23358>. Acesso: 18 jul. 2023.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2167>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeoUERJ**, n. 18, v. 1, p. 1-16, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343>. Acesso em: 19 maio 2023.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Pedro Ivo. **Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre o seu lugar na sociedade**. 150f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, 2017.

SOARES, Marcelo Chaves. Pensando a consciência coletiva de homens gays:

um ensaio para decolonizar o corpo negro. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 8, n. 16, p. 77-90, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11672>. Acesso em: 23 ago. 2023.

TAVARES, André Luiz Bezerra; OLIVEIRA, Anita Loureiro de. De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse. **Revista Continentes** (UFRRJ), vol. 11, n. 21, p. 182-200. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/349>. Acesso em: 6 jul. 2023.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 3 ago. 2023.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Perguntar, registrar, escrever**: Inquietações metodológicas. Porto Alegre: Editora Sulina; UFRGS Editora, 2013.

Recebido em 05 de setembro de 2023.

Aceito em 14 de fevereiro de 2024.

Victor Dantas Siqueira Pequeno

222